

HELENA LOPES

# "O CHAMADO ELEVADOR SOCIAL DEIXOU DE FUNCIONAR PRATICAMENTE NA GRANDE MAIORIA DOS PAÍSES"

Os pais querem sempre o melhor para os filhos, mas o que os dados nos dizem é que aqueles que nasceram na década de 1980 foram a primeira geração do pós-guerra com rendimentos menores do que aqueles que nasceram na década anterior. Um cenário que se tem agravado e que leva a uma conclusão: as gerações mais novas terão de viver com menos. No entanto, aquela que poderia ser uma conclusão meramente baseada em critérios financeiros pode ganhar novas dimensões se pensarmos também em sustentabilidade. Cláudia Arsénio

**H**elena Lopes é professora catedrática de Economia Política no ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, onde também é coordenadora do Centro de Estudos sobre a Mudança Socioeconómica e o Território. Autora de inúmeros artigos na área da economia do trabalho, escreve ainda regularmente sobre temas relacionados com o mundo do trabalho, os jovens, a sustentabilidade, a ação climática e a política.

**Vários estudos dizem que os jovens vão ter de viver com um nível de vida pior em relação às gerações anteriores. O que aconteceu?**

Nos Estados Unidos, por exemplo, só 50% dos jovens é que vão ganhar mais do que os pais. Os outros vão ganhar menos do que os pais. E uma casa custa 24 vezes mais do que custava no tempo quando os pais a compraram. A expectativa é, de facto, ser proprietário de uma casa, ter um carro, poder viajar para o estrangeiro, criar

uma família, ser independente. E ser independente é ter uma casa. Então, o que é que não funcionou? Para já, acho que o mais importante é a questão económica propriamente dita, em que, falando da sustentabilidade, parece que, a partir de um certo momento, de um certo nível de riqueza, há aquilo que os economistas chamam uma estagnação secular. Portanto, os países entram numa fase de estagnação secular. Por exemplo, o Japão já está nisso, a Europa também, não se consegue continuar a crescer. Muitos analistas dizem que a China também vai começar a entrar nessa fase de estagnação secular. A partir de um certo momento, o crescimento já não pode ser tanto, mesmo sem haver questão climática. As décadas pós-Segunda Guerra Mundial foram totalmente atípicas na história da humanidade. Foi preciso reconstruir, crescer, depois todos começaram a ter um carro, um frigorífico... e agora já está. Portanto, há um determinado limite de infraestruturas das famílias e do Estado que não permite continuar a crescer muito.

ID: 117025591

07-05-2025 | PRÉMIOS



Miguel Baltazar

ID: 117025591

07-05-2025 | PRÉMIOS



**Ter menos do que os pais não significa ter uma vida má. Ter menos do que os pais significa simplesmente viver com mais sobriedade material.**

**Depois da crise económica e da pandemia, houve muitas mudanças, nomeadamente para as novas gerações, que tentaram entrar no mercado de trabalho. A ascensão social e laboral deixou de funcionar?**

Sim, o chamado elevador social deixou de funcionar praticamente na grande maioria dos países. Em Portugal menos, porque estamos um bocadinho atrasados relativamente ao resto da União Europeia. Quando comecei a dar aulas, há 30 anos, havia pouquíssimos alunos cujos pais tinham licenciatura e agora quase todos têm um pai ou uma mãe licenciado. E, portanto, o elevador social agora é para o mestrado. Por exemplo, o salário médio de um licenciado é de 1.800 euros, enquanto o salário de entrada de um jovem licenciado é de 1.200 euros. O chamado prémio salarial, que é a diferença entre aquilo que se ganha com a licenciatura e aquilo que se ganha com o 12.º ano, já foi de 90% em Portugal e agora para os jovens é de 40%. Isso muda tudo e muda também a forma como os jovens encaram o meio laboral.

**Já não é uma geração que vive para trabalhar?**

Todos os inquéritos que são feitos sobre a relação dos jovens com o trabalho mostram que não há nenhuma especificidade na geração – Z, millennials, etc. – a não ser que eles querem maior conciliação entre trabalho e vida pessoal. Ou seja, o trabalho continua a ser importante, mas eles querem melhor conciliação com a vida pessoal e não querem trabalhar ao fim de semana. Além disso, já não querem estar no mesmo trabalho, estar no mesmo emprego, toda a vida, mas querem estabilidade, continuam a querer um contrato estável. Agora, não é um contrato que dure 40 anos porque não querem fazer a mesma coisa sempre, o que é muito saudável, acho eu.

**É necessariamente diferente a relação que têm com o mundo do trabalho?**

Sim. É verdade que as gerações mais novas estão mais ligadas com o seu trabalho do que com a empresa ou a organização. Eu noto isso nos meus colegas mais novos, há menos a identidade organizacional no sentido de se identificar com a empresa. Porém, a relação com o trabalho continua a ser uma relação forte, são muito responsáveis.

**Por outro lado, há a questão da precariedade laboral e menos rendimentos. Como lidam os jovens com isso?**

Por acaso, estive a ler um estudo de um sociólogo relativamente aos padrões de consumo dos jovens e há alguns que já compram smartphones de segunda mão, compram roupa de segunda mão, comem pouca carne, mas em contrapartida voam mais e querem mais ir ao estrangeiro. E, portanto, o sociólogo dizia que os jovens são pessoas como as outras. Só que eu diria são pessoas como as outras com uma diferença que é a relação que eles têm com a política.

**Como assim?**

Houve um inquérito da Open Society que dizia que só 3% dos jovens acreditam que os governos vão resolver os seus problemas. Então, são completamente descrentes. Só 21% dos jovens na Alemanha e 14% em França é que apoiam a democracia, enquanto entre as pessoas que têm mais de 70 anos 67% apoiam a democracia. 35% dos jovens nesse inquérito da Open Society preferem um líder forte que não se preocupe com eleições. Mas não é um ditador, é um governante eficaz que assume a responsabilidade de zelar pelo bem comum, o bem de todos. Nas últimas eleições europeias, houve muitos analistas que disseram que houve uma insurreição populista por parte dos jovens que foi votar nos partidos de extrema-direita porque já não acreditam nos partidos que estão no poder. O meu último artigo no Público chamava-se “As nossas democracias são países para velhos?”. Porque quem vota são os velhos, não é? E, portanto, claro que as políticas são muito enviesadas para as pessoas com mais idade e as pessoas com mais idade preferem garantir o fim do mês. E os jovens apercebem-se disso, eles veem quem está a destruir o mundo. Quer dizer, dizem aos jovens que vão ter um mundo pior, mas não veem nenhum adulto a reduzir a sua pegada ecológica para o salvar.

**E os jovens vão saber viver com menos?**

É pior em termos materiais, sem dúvida nenhuma. Não significa pior em termos de bem-estar, de qualidade, mas é preciso reaprender a viver. O problema é esse. Ter menos do que os pais não significa ter uma vida má. Ter menos do que os pais significa simplesmente viver com mais sobriedade material. Menos roupa, menos calçado, só um carro por família. E ter uma relação com a natureza. Por exemplo, eu também dou aulas sobre os efeitos digitais, ou seja, digitalização no emprego e no trabalho. Aos jovens não lhes apetece nada viver num mundo exclusivamente digital. Eles têm medo de perder contacto uns com os outros. Portanto, as relações com os outros, as relações com a natureza, isso é que é necessário. É criar uma visão de um futuro desejável. Em vez de falar da chamada ecologia punitiva, que é ter menos, é ter menos consumo, menos produtos, pensar que a qualidade de vida pode aumentar e melhorar. A mim, aquilo que me preocupa verdadeiramente não é tanto a diminuição, nós vamos ter de partilhar os recursos. Ponto. Menos carros, menos roupas, isso não é grave. Aquilo que me preocupa verdadeiramente é a diminuição da produtividade agrícola, porque os produtos naturais vão ser cada vez mais caros e aquilo que os jovens vão poder consumir são produtos de péssima qualidade, alimentos transformados. Portanto, aquilo que é verdadeiramente preocupante para os jovens é a qualidade da alimentação e a habitação.



Miguel Baltazar

### Mas os jovens estão preparados para isso?

Eles não estão nada preparados, sobretudo nem sequer sabem o que é e isso é o pior. É muito engraçado, porque às vezes eu falo disso nas aulas e os alunos africanos vêm depois dizer-me que concordam comigo porque são menos ricos, mas são muito mais felizes. Eles não estão preparados, não... mas também não têm exemplos, as elites não dão exemplos. Portanto, as elites são culpadas, as universidades e as escolas são culpadas. Disso não tenho a mínima dúvida.

### Em que aspeto?

Portugal é um dos únicos países da Europa em que a universidade não prepara os licenciados. Escrevi um artigo no Público em que fazia justamente um apelo ao Conselho de Reitores. Por exemplo, os reitores alemães decidiram que ninguém iria sair da universidade sem ter uma formação em questões ecológicas. França já

decidiu isso, Espanha também. Portugal é dos únicos países onde ainda não há nada.

Outra questão é o conceito de liberdade. A liberdade num planeta com recursos limitados não pode ser. Não é cada um faz aquilo que quer, porque aquilo que decido consumir vai ter consequências naquilo que o outro tem para consumir. E, portanto, a liberdade não pode ser fazer aquilo que me apetece porque as minhas decisões têm consequências para os outros. E num planeta com recursos limitados muito mais. E isso é outra das coisas que as elites deveriam difundir, divulgar.

### Há muito o uso da expressão “geração perdida”. Concorda com esta expressão?

No sentido de andar perdido, desorientado, concordo plenamente. Nitidamente é uma geração desorientada. Não estamos a tratar dos valores e como é que podemos mudar isso? Foi aquilo que escrevi no meu último artigo. As escolas e as universidades devem deixar de propagar o culto do poder da riqueza do individualismo. Deixar de formar licenciados e mestres e doutores, deixando-os pensar que eles irão ser ricos com isso, não vão. Vão ser cada vez menos os empregos de escritório, porque aí temos a inteligência artificial, e vão ser cada vez mais os empregos que lidam com a matéria porque a agricultura vai precisar de mais pessoas. Vai haver mais pessoas na agricultura, mais pessoas na floresta, na indústria chamada agroflorestal. Mais pessoas porque a indústria fóssil está lá dentro e é só preciso tirar. As renováveis, está tudo cá fora, é preciso construir tudo e é preciso pessoas para trabalhar com isso. É essencial e vai ser necessário porque é aí que vai estar a maioria dos trabalhos, os chamados “green jobs”, os empregos verdes, são esses. Mas não é como no passado, visto que são empregos altamente técnicos, porque, mais uma vez, a palavra de ordem é sustentabilidade. ●



**É verdade que as gerações mais novas estão mais ligadas com o seu trabalho do que com a empresa ou a organização.**

ID: 117025591

07-05-2025 | PRÉMIOS



Getty Images